ISSN: 2358-8829

NARRATIVAS HISTÓRICAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: DISPUTAS DE MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Antônio Israel de Oliveira Silva [1]
Letícia Albuquerque Sousa [2]
Patrícia Cristina de Aragão [3]

INTRODUÇÃO

O conhecimento histórico é construído a partir da investigação e da interpretação das ações e relações humanas ao longo do tempo. Nesse processo, diferentes narrativas são produzidas para explicar os acontecimentos do passado, considerando os contextos sociais, políticos e culturais em que são elaboradas. Entretanto, essas interpretações não circulam na sociedade da mesma maneira, uma vez que determinadas narrativas alcançam maior reconhecimento e legitimidade, enquanto outras permanecem pouco conhecidas ou são silenciadas. Dessa forma, compreender como o passado é representado e interpretado constitui uma questão importante para o ensino de História, especialmente diante das disputas de memória presentes na sociedade.

No espaço escolar, essas questões adquirem relevância, pois o ensino de História envolve escolhas sobre quais acontecimentos, sujeitos e experiências serão abordados. Durante muito tempo, determinadas narrativas privilegiaram a atuação de grupos dominantes, enquanto outros sujeitos históricos receberam menor destaque. Questões relacionadas à colonização, à escravidão e às representações construídas sobre os povos indígenas e a população negra permitem observar como diferentes interpretações do

[1] Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, israel.o@aluno.uepb.edu.br;
[2] Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, leticia.albuquerque@aluno.uepb.edu.br;
[3] Professora do Departamento de História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Historiadora e Doutora em Educação pela UFPB, Pós-Doutora em História pela UFCG, coordenadora do PIBID - História (Campus I), patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br.

Trabalho vinculado às atividades formativas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

passado podem contribuir para a reprodução ou a problematização de visões historicamente construídas. Nesse sentido, o ensino de História não deve se limitar à transmissão de informações, mas possibilitar a compreensão de como o conhecimento histórico é produzido e de que maneira determinadas narrativas se tornam predominantes.

As discussões de Rüsen (1998) sobre a dimensão narrativa do conhecimento histórico, de Bittencourt (2008) acerca do ensino de História e de Schwarcz (1994) sobre a construção de interpretações raciais no Brasil contribuem para a compreensão dessas questões. Tais reflexões também se relacionam à formação docente, especialmente no que diz respeito à seleção dos conteúdos e à problematização das narrativas apresentadas aos estudantes. Nesse contexto, as experiências formativas desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História, constituem um espaço de reflexão sobre essas questões e suas implicações para a prática educativa.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar como as narrativas históricas e as disputas de memória influenciam a construção do conhecimento histórico no ensino de História, considerando o papel das representações culturais nesse processo. A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada nas contribuições de Rüsen (1998), Bittencourt (2008) e Schwarcz (1994), articuladas às reflexões desenvolvidas no âmbito do PIBID. Busca-se, assim, discutir a importância de um ensino de História que problematize as diferentes interpretações do passado e contribua para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada na análise de produções acadêmicas que discutem a construção do conhecimento histórico, as narrativas históricas e as representações culturais no ensino de História. A investigação busca compreender como diferentes interpretações do passado são construídas e legitimadas socialmente, considerando suas implicações para a educação histórica.

O referencial teórico está fundamentado nas contribuições de Jörn Rüsen (1998), acerca da dimensão narrativa do conhecimento histórico; Circe Bittencourt (2008),

ISSN: 2358-8829

sobre a construção do conhecimento histórico escolar; e Lilia Moritz Schwarcz (1994), que analisa a formação e a circulação de interpretações raciais na sociedade brasileira. A partir dessas contribuições, foram discutidas as relações entre a construção das narrativas históricas, a legitimação de determinadas representações sociais e a maneira como essas questões podem ser abordadas no ensino de História.

A discussão também se relaciona às reflexões desenvolvidas nos grupos de leitura e nas atividades formativas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História. A análise foi desenvolvida a partir da leitura e discussão das obras selecionadas, buscando identificar aproximações entre as contribuições dos autores e relacioná-las às questões presentes no ensino de História. Essas experiências contribuíram para refletir sobre as narrativas históricas e suas implicações para o ensino de História, permitindo relacionar as discussões teóricas à formação docente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Narrativas Históricas, Memória e Construção do Conhecimento Histórico

A construção do conhecimento histórico envolve diferentes formas de interpretar e atribuir significado aos acontecimentos do passado. Essas interpretações são elaboradas a partir da análise de fontes, da investigação histórica e das questões formuladas pelos pesquisadores. Nesse processo, as narrativas históricas desempenham um papel fundamental, pois permitem organizar os acontecimentos e estabelecer relações entre diferentes períodos e experiências sociais. Entretanto, é necessário considerar que as interpretações históricas são produzidas em determinados contextos e podem apresentar perspectivas distintas sobre um mesmo acontecimento.

Ao discutir a relação entre narratividade e objetividade na ciência histórica, Rüsen (1998) contribui para compreender que a narrativa não representa apenas uma maneira de apresentar os resultados da pesquisa histórica, mas participa da própria construção do conhecimento sobre o passado. Isso não significa, porém, que todas as interpretações possuam a mesma validade. A produção do conhecimento histórico exige a investigação das fontes e a construção de explicações fundamentadas, que possam ser analisadas e questionadas. Dessa maneira, reconhecer a existência de diferentes

ISSN: 2358-8829

narrativas não significa que qualquer interpretação sobre o passado seja válida, pois as explicações históricas precisam estar sustentadas em evidências e procedimentos de investigação.

Essa discussão também permite refletir sobre as relações entre História e memória. Embora estejam relacionadas, ambas não podem ser compreendidas como conceitos equivalentes. A memória envolve processos de lembrança, esquecimento e construção de sentidos sobre o passado, enquanto o conhecimento histórico procura investigar e interpretar esses processos por meio de procedimentos próprios da pesquisa histórica. Assim, as memórias construídas por diferentes grupos sociais podem constituir objetos de investigação, sendo necessário compreender os contextos em que foram produzidas e os interesses envolvidos em sua preservação ou silenciamento.

As disputas de memória tornam-se evidentes quando diferentes grupos apresentam interpretações distintas sobre acontecimentos históricos. Em muitos casos, determinadas versões do passado alcançam maior reconhecimento e passam a integrar discursos oficiais, comemorações e representações amplamente difundidas na sociedade. Outras perspectivas, entretanto, podem permanecer marginalizadas, especialmente quando estão relacionadas às experiências de grupos que historicamente tiveram menor participação nos espaços de poder. Nesse sentido, analisar as disputas de memória também significa questionar quais sujeitos são reconhecidos como protagonistas da História e quais experiências recebem menor visibilidade.

Um exemplo dessa problemática pode ser observado nas narrativas construídas sobre a colonização do Brasil. Durante muito tempo, determinadas interpretações destacaram principalmente a atuação dos colonizadores europeus, enquanto as experiências dos povos indígenas e das populações africanas foram frequentemente apresentadas de maneira secundária. A problematização dessas narrativas permite compreender que os processos históricos envolveram diferentes sujeitos, interesses e formas de resistência. Não se trata de substituir uma interpretação simplificada por outra, mas de ampliar as possibilidades de análise, considerando diferentes fontes e perspectivas sobre o passado.

No ensino de História, essas questões são importantes porque os estudantes entram em contato com narrativas históricas que influenciam sua compreensão da sociedade. A análise crítica dessas interpretações pode contribuir para que percebam que o conhecimento histórico não consiste apenas na memorização de acontecimentos,

mas envolve a investigação e a construção de explicações fundamentadas. Dessa forma, o trabalho com diferentes narrativas pode favorecer o desenvolvimento da consciência histórica, ao estimular a reflexão sobre as relações entre passado, presente e futuro e sobre os sentidos atribuídos às experiências humanas.

Representações Culturais e Disputas de Memória no Ensino de História

As representações culturais desempenham um papel importante na maneira como diferentes grupos sociais são compreendidos e apresentados ao longo da História. Essas representações são construídas em determinados contextos e podem expressar valores, interesses e relações de poder presentes na sociedade. Dessa forma, as interpretações sobre o passado não se limitam à descrição dos acontecimentos, pois também envolvem a maneira como determinados sujeitos e experiências são reconhecidos e representados. No ensino de História, compreender esse processo é fundamental para problematizar narrativas que, durante muito tempo, contribuíram para a reprodução de estereótipos e para o silenciamento de diferentes grupos sociais.

Um exemplo dessa construção pode ser observado nas interpretações raciais desenvolvidas no Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX. Ao analisar esse contexto, Schwarcz (1994) demonstra como teorias raciais foram apropriadas por intelectuais e instituições brasileiras, contribuindo para a elaboração de explicações sobre a formação da população nacional. Essas interpretações, frequentemente apresentadas como científicas, foram utilizadas para estabelecer hierarquias entre diferentes grupos e justificar desigualdades sociais. A análise da autora permite compreender que determinadas representações não surgiram de maneira espontânea, mas foram produzidas e legitimadas em contextos históricos específicos.

A construção dessas interpretações também evidencia como os discursos considerados legítimos em determinada sociedade podem influenciar a maneira como o passado é compreendido. Quando determinadas representações são difundidas por instituições e grupos que ocupam posições de autoridade, elas podem adquirir maior reconhecimento e contribuir para a permanência de visões estereotipadas. Nesse sentido, o estudo das representações culturais permite questionar não apenas o conteúdo das narrativas históricas, mas também as condições que favoreceram sua produção e circulação.

ISSN: 2358-8829

No espaço escolar, essas questões se relacionam à seleção e à organização dos conteúdos históricos. Bittencourt (2008) contribui para essa discussão ao abordar as características do conhecimento histórico escolar e sua relação com a produção historiográfica. A História ensinada na escola não corresponde simplesmente à reprodução de conhecimentos produzidos nas universidades, pois envolve objetivos educacionais, escolhas curriculares e diferentes formas de trabalhar os conteúdos. Assim, a maneira como determinados acontecimentos e sujeitos são apresentados pode influenciar a compreensão que os estudantes desenvolvem sobre os processos históricos.

Essa problemática pode ser observada nas abordagens sobre a escravidão e a participação das populações negras na formação da sociedade brasileira. Quando o conteúdo se concentra exclusivamente na exploração do trabalho escravizado, sem considerar as formas de resistência, as experiências culturais e a participação histórica desses sujeitos, corre-se o risco de apresentar uma compreensão limitada desse processo. Da mesma maneira, as narrativas sobre os povos indígenas precisam considerar sua diversidade, suas formas de organização e sua atuação histórica, evitando representações que os apresentem apenas como personagens do período colonial.

Diante disso, a problematização das representações culturais no ensino de História exige uma reflexão sobre as narrativas utilizadas, as fontes selecionadas e os sujeitos contemplados nas explicações históricas. O trabalho com diferentes documentos e interpretações pode contribuir para que os estudantes compreendam como determinadas imagens e discursos foram construídos e quais interesses estiveram envolvidos nesse processo. Mais do que acrescentar novos personagens aos conteúdos escolares, trata-se de desenvolver uma abordagem que permita questionar as interpretações consolidadas e reconhecer a complexidade das relações sociais ao longo do tempo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica desenvolvida neste trabalho permite compreender que a construção do conhecimento histórico envolve tanto a investigação do passado quanto a maneira como diferentes interpretações são produzidas e reconhecidas socialmente. Ao relacionar as contribuições dos autores estudados, percebe-se que determinadas narrativas podem alcançar maior legitimidade na sociedade, mesmo quando estão

ISSN: 2358-8829

relacionadas a interpretações construídas a partir de interesses e valores de determinados grupos. Dessa forma, torna-se importante distinguir o reconhecimento social de uma narrativa dos critérios utilizados para fundamentar uma explicação histórica.

Essa questão pode ser compreendida a partir das discussões de Rüsen (1998) e Schwarcz (1994). Enquanto Rüsen contribui para pensar a importância da investigação e da fundamentação das narrativas históricas, Schwarcz demonstra como determinadas interpretações raciais foram apresentadas como científicas e legitimadas por instituições brasileiras. A relação entre essas contribuições permite perceber que o reconhecimento de uma interpretação em determinado contexto não significa que ela esteja livre de interesses, preconceitos ou limitações. Assim, a análise histórica também exige questionar as condições em que determinados conhecimentos foram produzidos e reconhecidos como legítimos.

Quando essa discussão é relacionada às contribuições de Bittencourt (2008), torna-se possível refletir sobre suas implicações para o ensino de História. A seleção dos conteúdos e a maneira como diferentes acontecimentos são apresentados podem influenciar as interpretações construídas pelos estudantes. Nesse sentido, a análise bibliográfica aponta para a importância de um ensino que não apresente as narrativas históricas como explicações definitivas, mas que possibilite compreender como foram produzidas e quais fontes e interpretações contribuíram para sua construção.

A partir da relação entre essas contribuições, percebe-se que a construção do conhecimento histórico escolar envolve não apenas a escolha dos conteúdos, mas também a maneira como determinadas interpretações são apresentadas aos estudantes. Enquanto Rüsen contribui para compreender a importância da fundamentação das narrativas históricas, Schwarcz permite observar como determinadas interpretações foram legitimadas socialmente, e Bittencourt ajuda a refletir sobre as implicações dessas questões para o ensino de História. Dessa forma, a análise aponta para a necessidade de considerar tanto os critérios de produção do conhecimento histórico quanto as relações sociais que influenciam sua circulação e sua abordagem no espaço escolar.

Essas questões também estiveram presentes nas reflexões desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História. As atividades formativas e os grupos de leitura possibilitaram discussões sobre a construção do conhecimento histórico e sobre a importância de reconhecer diferentes

ISSN: 2358-8829

sujeitos e perspectivas na interpretação do passado. Questões relacionadas à colonização, à escravidão e às representações dos povos indígenas e da população negra contribuíram para refletir sobre como determinadas narrativas podem permanecer presentes na sociedade e influenciar as abordagens utilizadas no espaço escolar.

Nesse contexto, a formação docente apresenta-se como um espaço importante para questionar interpretações historicamente consolidadas e refletir sobre as escolhas realizadas no ensino de História. A seleção de fontes, a organização dos conteúdos e a maneira como os acontecimentos são apresentados podem contribuir tanto para a reprodução de determinadas representações quanto para sua problematização. Assim, o contato com diferentes interpretações históricas durante a formação de professores favorece uma reflexão mais ampla sobre as responsabilidades envolvidas na construção do conhecimento histórico escolar.

Os resultados da discussão apontam, portanto, para a importância de um ensino de História que não se limite à apresentação de narrativas consolidadas, mas que possibilite compreender como essas interpretações foram produzidas e legitimadas. A análise de diferentes fontes e perspectivas pode contribuir para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes, permitindo estabelecer relações entre as experiências do passado e as questões presentes na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão desenvolvida neste trabalho permitiu compreender que as narrativas históricas e as disputas de memória desempenham um papel importante na construção do conhecimento histórico e na maneira como diferentes acontecimentos e sujeitos são representados socialmente. A análise bibliográfica evidenciou que determinadas interpretações do passado alcançam maior reconhecimento e legitimidade, enquanto outras perspectivas podem permanecer silenciadas ou marginalizadas, demonstrando a necessidade de considerar os contextos e as relações de poder envolvidos na produção dessas narrativas.

No ensino de História, essas questões reforçam a importância de uma abordagem que não se limite à transmissão de conteúdos, mas que possibilite a problematização das interpretações históricas e das representações construídas sobre diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o trabalho com fontes e perspectivas diversas

pode contribuir para que os estudantes compreendam como o conhecimento histórico é produzido, reconhecendo a importância da investigação e da análise crítica na construção das explicações sobre o passado.

As reflexões desenvolvidas também destacam a relevância da formação docente nesse processo. As atividades formativas e os grupos de leitura realizados no âmbito do PIBID, subprojeto História, constituem espaços importantes para discutir as narrativas presentes no conhecimento histórico escolar e refletir sobre as escolhas envolvidas na prática educativa. Dessa forma, a articulação entre as contribuições teóricas e as experiências formativas permite reconhecer a importância de uma atuação docente comprometida com a análise crítica das interpretações históricas.

Conclui-se, portanto, que a problematização das narrativas históricas e das disputas de memória representa uma possibilidade importante para o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes. Ao considerar diferentes sujeitos e perspectivas, o ensino de História pode contribuir para uma compreensão mais ampla dos processos históricos, sem desconsiderar os critérios de investigação e fundamentação que caracterizam a produção do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Ensino de História; Narrativas históricas; Disputas de memória; Representações culturais; Consciência histórica.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RÜSEN, Jörn. Narratividade e objetividade na ciência histórica. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 311-335, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo da miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 20, p. 137-152, 1994.